

FERNANDO JOSÉ AROUCA (TRANSCRIÇÃO)

Boa tarde. Em primeiro lugar, muito obrigado pelo convite. Eu não faço parte dos museus. A maioria dos participantes deste Encontro está diretamente ligada a instituições, mas acho que trago uma contribuição grande, que consiste em ajudar os museus a ficarem abertos para a recepção de ideias de fora. Eu já tinha levado duas exposições itinerantes para o Museu Monteiro Lobato – uma do Museu do Futebol e uma do Museu da Língua Portuguesa –, conhecia a dinâmica da casa, os espaços da casa, a questão do teatro, a questão do que eles tinham como repertório. Por exemplo, tinham objetos, móveis que pertenciam à casa, tinham réplicas também do período do escritor, certa ambientação. Visitei o Museu para apresentar uma proposta de exposição sobre vida e obra do Monteiro Lobato. E nisso apareceu o edital da Semana de 22, do ProAC, e pensei: “Mas todo mundo vai falar da Semana de 22 em São Paulo, temos que falar dela em outros locais”.

E nada melhor do que voltar a essa polêmica. Aliás, o título deste Encontro, “Agoridade e a reconstrução do passado no presente”, vem bem a calhar – levar esse assunto à casa onde viveu Monteiro Lobato. Na época, conversei com a Juliana, que achou boa a ideia, e escrevemos o projeto. Eu precisava de um parceiro local que ajudasse a viabilizar o projeto, porque esse dinheiro é muito curto, é uma verba do ProAC Editais. Falei com o Dimas, Secretário de Cultura, que me apresentou à Lani Goeldi. Ela tem uma galeria de arte e dirige a Associação Artística e Cultural Oswaldo Goeldi em Taubaté. Aproveitando seu conhecimento na cidade e a sua disponibilidade, ela inscreveu o projeto e fizemos a produção juntos. O que me parece importante é isto: procuramos entender o local e montar uma exposição que casasse, que conversasse com o que está sendo feito nesse Museu.

Por sorte, um pouquinho antes, o Ricardo Lobato levou ao Museu uma coleção de obras pictóricas – desenhos e pinturas que o Monteiro Lobato tinha feito – que estão expostas também. Também tivemos a contribuição da Cleo [também bisneta de Lobato], que montou uma sala com



o mobiliário da família. Foi muito bacana tudo isso. Vou passar rapidamente uns *slides* para mostrar o que foi essa exposição.

Era um edital do ProAC falando dos 100 anos da Semana de Arte Moderna. Dentro desse tema, a ideia foi fazer uma releitura da matéria de jornal escrita por Lobato sobre a exposição de 1917, a exposição de Anita Malfatti. Então escolhemos “Os dois em 22” e tentamos fazer esse diálogo [exibe imagem com o logotipo da exposição].

Estamos numa época pós-pandemia, em que todo mundo está querendo trabalhar, todo mundo querendo fazer coisas. Dissemos: “Vamos fazer, além da releitura desse artigo, uma releitura também das obras”. Contratamos cinco artistas plásticos da cidade, e cada um entregou releituras de quatro obras, entre as acadêmicas e as modernas – ou “futuristas”, como se dizia na época. Chamamos o professor Jefferson Machado, e ele escreveu um texto para encenação que produzimos no teatro existente dentro do Sítio. Levamos esse diálogo e, também, esta dúvida, este questionamento: se o texto do Lobato foi contra a Anita, se a Anita ficou realmente ofendida, ou se tudo isso foi usado pelos outros para promover a Semana de 22. A ideia toda ficou em aberto, mas está presente essa nova leitura, levando para a população, para os mais jovens, esse questionamento.

Assim como a Angélica Fabbri falou, no dia da abertura, que o Portinari escrevia também, que ele queria ser escritor, o Lobato tem uma sala no Museu em que estão expostas as obras pictóricas dele. Ele queria ser pintor, mas acabou sendo literato [exibe foto dessa sala, com obras de Lobato e uma citação impressa na parede]. É como o Drummond, que fazia caricaturas: o pessoal das artes entra por uma arte, mas está envolvido com todas.

Isso é para entender um pouco essa história dos personagens do Sítio, dos atores que fazem o Educativo e desenvolvem um trabalho de acompanhamento dentro da exposição, e ver como eles estão interagindo com essas novas releituras [exibe fotos dos atores caracterizados como Visconde de Sabugosa, Emília, Narizinho e Dona Benta, vendo a exposição]. Nós usamos duas salas: uma para as obras acadêmicas, outra para as obras do Futurismo. Como não poderia deixar de ser, temos um convite para a exposição e um para as apresentações teatrais que aconteciam todos os sábados [exibe imagem dos convites]. Este é um totem externo, na frente

da entrada do Sítio [exibe foto]. Esta era a primeira sala, que era dedicada ao Monteiro Lobato, com obras passadistas, ou seja, acadêmicas. Como esta releitura, por exemplo, em que o caipira ganhou um celular [exibe foto da sala, com painel de texto e o mencionado quadro]. Essa brincadeira foi levando um pouco ao espírito mais lúdico, mais divertido, que o próprio estar no Sítio nos leva a ter. Aqui a gente vê ao fundo, naquela sala, as obras do Monteiro Lobato que estão expostas e um pouco do mobiliário do Sítio [exibe foto com quadros e móveis antigos].

Com isso a gente começa a interagir com o espaço. Não se trata de uma exposição sobre um assunto que “não tem nada a ver”, vamos conversando e aumentando essa discussão sobre o mesmo tema. Tentamos casar o máximo possível o presente com o futuro. Aqui temos dois artistas, Alexandre e Mauro, dois que trabalharam com obras acadêmicas [exibe foto dos artistas em frente aos seus quadros]. Em cada uma das salas tínhamos um totem com explicações, falando um pouco sobre São Paulo, sobre Anita, sobre Monteiro Lobato. Neste caso, a sala era sobre Anita [exibe foto com totens]. Aqui estão as releituras das obras “modernistas” [exibe fotos dos quadros]. Em todas as legendas colocamos a referência do quadro que originou essa releitura, com informações sobre ele também. Aqui temos obras da Mara Gonçalves [exibe fotos de três quadros]. Ela partiu, por exemplo, de “O homem amarelo”, e fez “O homem amarelo do Vale do Paraíba”. Vejam que ele tem uma plantação de arroz ao fundo [risos]. Ela extrapolou totalmente a obra original, que tinha só o homem amarelo. Aqui, vemos a turma de artistas e toda a equipe que trabalhou na abertura [exibe fotos dessas pessoas]. A Juliana está aqui embaixo, a Cleo também. Aqui está a Lani Goeldi, nossa parceira no projeto como um todo [exibe fotos de Lani e de celulares em interação com QR Code]. Aqui, estamos mostrando que também nos preocupamos com a interatividade. Temos o QR Code e nele a audiodescrição de cada obra, e também uma apresentação dessa audiodescrição em libras, porque hoje é muito importante pensar na acessibilidade. Uma grande vantagem é que o Sítio não tem degraus, o cadeirante pode entrar e sair com muita facilidade.

E assim as coisas aconteceram. De repente, em uma obra da Mara, que é “A boba” – “A boba” original é da Anita –, o que é que ela desenhou? Só a cadeira. E o que as pessoas começaram a fazer, assim como eu? Sentaram na cadeira da boba [exibe reprodução dos quadros

de Anita e Mara, este último com a participação dele próprio]. Trata-se de começar a usar também todos esses recursos simples que vamos descobrindo na hora, que não foram pensados antes.

Tínhamos também uma televisão [exibe foto de aparelho sobre uma cômoda antiga]. Como a encenação acontecia uma vez por semana, gravamos a encenação toda. Quem fosse visitar a exposição em outro horário poderia ver, também. Era um vídeo de 30 minutos, com toda a encenação relacionada a essa polêmica entre o texto do Monteiro Lobato e a Anita.

Este foi o dia da abertura [exibe fotos de algumas pessoas]. Temos aí o Secretário de Cultura, a Juliana aqui embaixo, eu no meio, Tina Lopes, que é ex-diretora da casa e que contribuiu muito com o ensaio e a produção do pessoal, e a Lani Goeldi, nossa parceira nesse projeto.

Aqui temos o texto “A propósito da Exposição Malfatti” [a matéria jornalística de 1917, de Lobato]. Quem não tivesse lido poderia entender o que Lobato pensava e ver que ele fala coisas positivas sobre Anita, também [exibe foto de painel com o texto]. Acho que esse artigo também foi bem usado pelo pessoal da Semana de 22, porque era interessante criar uma polêmica utilizando o nome de Monteiro Lobato.

Esta é a encenação [exibe várias fotos]. Aliás, usamos um elemento que vem de um quadro do Oswaldo Goeldi, que também participou da Semana de 22 – mais um motivo para a Lani estar conosco nessa empreitada. Usamos o guarda-chuva como elemento cênico para contar um pouco da história da Semana de 22. Aqui, o Homem Amarelo sem estar no Vale do Paraíba [exibe foto da encenação, em que um ator segura reprodução do quadro de Malfatti]. Aqui, nosso público da abertura [exibe foto do público aplaudindo]. Aqui, o que não poderia faltar num sítio: uma mesa farta para que, no final, todo mundo pudesse confraternizar [exibe foto de mesas com comes e bebes]. E aqui, nossa equipe técnica, a quem eu agradeço [exibe imagem da página final do catálogo, em que se veem os créditos]. Não vou ler o nome de todos, mas, sem essa equipe toda, não poderíamos ter feito esse trabalho.

Acho que é importante pensar, realmente, em quem está fora [dos Museus] e pode contribuir para o sucesso desses museus-casas literários, levando coisas interessantes, pois nem



sempre as instituições conseguem produzir tudo. Basicamente, era isso o que eu tinha para falar. Qualquer coisa a gente leva para a discussão depois. Muito obrigado.

Fernando José Arouca é arquiteto e sócio-diretor da Arquiprom desde 1992. Nos últimos 30 anos vem atuando nas diferentes funções que envolvem os projetos e produções de exposições, museus e afins. É idealizador da exposição "Os dois em 22", sendo a Arquiprom responsável pela expografia e identidade visual da mostra.